

Edição conjunta de:

MIL: MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
www.movimentolusofono.org
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11
1150-320 LISBOA

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Imagem da capa: Francisco Fernández

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-8661-59-3

Depósito Legal: 413764/16

Primeira edição: Outubro de 2016

PREFÁCIO

O presente volume recolhe os textos das comunicações apresentadas no Congresso Internacional "Luís António Verney e a Cultura Luso-Brasileira do seu tempo", realizado, em Lisboa, na Biblioteca Nacional de Portugal, de 16 a 18 de Setembro de 2013, e no Colóquio "No tricentenário de Luís António Verney", organizado pelo Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência e pelo Centro de Estudos em Letras, da Universidade de Évora, onde decorreu, de 21 a 23 de Março do ano seguinte.

Cumprindo-se, em 2013, trezentos anos sobre o nascimento do autor do

LUÍS ANTÓNIO VERNEY E A CULTURA LUSO-BRASILEIRA DO SEU TEMPO

Coordenação de:

António Braz Teixeira

Octávio dos Santos

Renato Epifânio

Por seu turno o Colóquio realizado na Universidade de Évora permitiu aprofundar alguns temas considerados no Congresso em Lisboa, nomeadamente as convergências entre Verney e Inácio Monteirol, paralelas das existentes entre o Barbadinho e o autor da *Recreação Filosófica*, a caracterização do inconfundível projecto filosófico-verneyano, o lugar da poesia na sua obra, ou o diálogo que António Sérgio manteve com o autor do *De Re Logica*.

Estas razões de que o presente volume constitui um relevante e inovador contributo para enriquecer a já abundante bibliografia sobre o pensamento e a obra de Luís António Verney, filósofo, especulativo e pedagógico em que se desenvolveu e veio a influenciar, se bem que ainda hoje controversa.

ÍNDICE

I - VERNEY E O SEU TEMPO

Manuel Curado NÓTULA SOBRE A LÓGICA DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY	11
Manuel Cândido Pimentel A METAFÍSICA DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY	19
António Braz Teixeira O PENSAMENTO ÉTICO DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY	25
Jorge Teixeira da Cunha A ÉTICA E A MORAL EM LUÍS ANTÓNIO VERNEY	35
António Cândido Franco O LUGAR DA POESIA EM LUÍS ANTÓNIO VERNEY ...	43
Duarte Ivo Cruz LUIS ANTÓNIO VERNEY E A ARCÁDIA LUSITANA - DOCTRINA E PRÁTICA DO TEATRO	49
Maria de Fátima Nunes CULTURA FÍSICA, CULTURA TÉCNICA E MODERNIDADE EM LUÍS ANTÓNIO VERNEY	53
Augusto José dos Santos Fitas A FÍSICA E A MATEMÁTICA NO SÉCULO XVIII – CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO NEWTONIANISMO NA PRIMEIRA OBRA DE VERNEY	66
Francisco António Lourenço Vaz AS IDEIAS ECONÓMICAS DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY	87
Rui de Figueiredo Marcos VERNEY NO DIREITO DO SEU TEMPO E O DIREITO NO TEMPO DE VERNEY	98
José Eduardo Franco VERNEY E OS JESUÍTAS NO QUADRO DA CRÍTICA ILUMINISTA ÀS ORDENS RELIGIOSAS	111
Mário Vieira de Carvalho O ILUMINISMO E O DEBATE TEOLÓGICO EM TORNO DA ÓPERA EM PORTUGAL	128
Helena Murteira LISBOA NO TEMPO DE VERNEY: DA TRADIÇÃO À MODERNIDADE	159
Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara ENTRE LISBOA E ROMA: ESPAÇOS E QUOTIDIANOS DE LUÍS ANTÓNIO VERNEY (1713-1792)	167
Maria do Céu Fonseca O CULTIVO DOS IDIOMAS NACIONAIS AO TEMPO DE VERNEY	177
Armando Martins A PRODUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA ANTES E AO TEMPO DE VERNEY: ALGUMAS OBSERVAÇÕES	185
Helena Nadal Sánchez A “POLÉMICA VERNEIANA” E A REFORMA DA UNIVERSIDADE: DUAS IMPRESSÕES DE LUÍS ANTÓNIO DE VERNEY EM ESPANHA	195

II - CONTEMPORÂNEOS DE VERNEY

Anna Maria Moog NUNO MARQUES PEREIRA: COMPÊNDIO NARRATIVO DO PEREGRINO DA AMÉRICA	215
Rodrigo Sobral Cunha NOTÍCIA SOBRE JACOB DE CASTRO SARMENTO	221

tos. Havia neles uma estranha tendência para admitirem a bondade da vontade do soberano, fosse ele um soberano absoluto, fosse um soberano revolucionário dos tempos de mudança que se seguiram.

Conclusão

Condensamos em algumas afirmações o que nos parece mais importante do pensamento ético de Verney.

A primeira coisa que se oferece dizer é que o pensamento de Verney está na primeira linha do que se produzia na Europa do Séc. XVIII. As suas preocupações anunciam o fim de uma era e o início de outra. Anunciam o fim do Antigo Regime com a sua ordem moral extrínseca, garantida pela monarquia absoluta, aliada à ordem sacral. E anunciam a nova ordem democrática do mundo, baseada na virtude do ser humano, enquanto *humano*, e não enquanto situado num determinado lugar da hierarquia social.

A sua luta por uma ética situa-se no centro desta mudança. A ética, tornada independente da teologia moral, não representa apenas um passo no processo de secularização, mas representa o advento dos seres humanos à maioridade e a sua elevação ao lugar de sujeitos do auto-governo do mundo. A ética é o juiz da moral, a qual deixa de ter o seu fundamento no poder absoluto e na heteronomia divina.

Neste sentido, a proposta de Verney apresenta-se como alicerce da convivência humana para um futuro que não lhe foi dado a viver a ele, mas aos seres humanos dos séculos seguintes. A ética é um discurso indispensável na convivência democrática, pois a ela compete a crítica do discurso político, cultural e mesmo religioso. Este caminho inaugurado por Verney ainda não chegou à sua perfeição, mesmo nos nossos dias felizmente democráticos.

O pensamento de Verney tem alguns limites. Entre esses é justo destacar uma certa ingenuidade metafísica do seu discurso quando dá por justa uma certa ordem social, seja a ordem social do Império Romano, seja a ordem social do absolutismo iluminista do Portugal do século de Pombal. Essa ingenuidade (que pode ser uma advertência muito consciente, mas um pouco pusilânime) é talvez também o factor que lhe permite apresentar o seu pensamento ético sem dizer uma palavra sobre o sistema inquisitorial que ainda vigorava no seu tempo. Entre os deméritos do texto, não é justo deixar de dizer que o juízo que faz sobre o lugar da ética na universidade portuguesa do seu tempo é um pouco sumário. Havia, em contexto ibérico, um movimento pela fundação de uma ética independente da teologia moral a que não se dá relevo suficiente.

António Cândido Franco | O LUGAR DA POESIA EM LUÍS ANTÓNIO VERNEY

As sete primeiras cartas do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746) – as quatro primeiras são dedicadas às línguas, as duas seguintes à Retórica e a derradeira à Poesia – parecem constituir uma unidade orgânica, de escala ascendente e gradativa, em que não se afigura possível compreender as três derradeiras, dedicadas à Retórica e à Poesia, e em mais alto grau a última, consagrada à Poesia, sem entender as anteriores.

A organização daquilo que podemos chamar a primeira parte do *Verdadeiro Método de Estudar* – a segunda está consagrada às disciplinas “filosóficas”, da Lógica à Ética, da Física à Medicina – parece decalcar voluntariamente o trivium medieval, modelo elementar do ensino das artes liberais, que punha na base o domínio das estruturas lexicais e sintáticas da língua, a Gramática, e sua aplicação à Dialéctica e à Retórica, o que se entende pelo trabalho de Luís António Verney se desenvolver e evoluir segundo as disciplinas então tradicionais no ensino em Portugal.

Assim, as primeiras quatro cartas do livro dedicadas às línguas – português, latim, grego e hebraico – correspondem ao primeiro estágio do trívio, o ensino da língua. A diferença entre Verney e a Escolástica está na valorização que o livro de 1746 faz da língua viva, vulgar, já que no ensino tradicional o latim era entendido e valorizado como o único e exclusivo veículo adequado à expressão da cultura, antes de mais da religiosa.

O entendimento da Gramática como saber normativo é porém idêntico em ambos. *A Gramática é a arte de escrever e falar correctamente*, diz Verney na primeira carta, dedicada à Gramática e língua portuguesa, ou por ele o diz o autor ficcional, anónimo, que só sabemos ser o *reverendo padre barbadinho da congregação de Itália*. A Gramática é pois no *Verdadeiro Método de Estudar* a base de toda a eloquência, além de ser o alicerce de qualquer estudo. Os seus dois primeiros desenvolvimentos, ou se quisermos as suas duas primeiras aplicações, são a Retórica e a Poesia, que aparecem assim cerzidas, mediante um crivo comum.

A Retórica é para Verney, como de resto para a Escolástica, a primeira forma de eloquência, a mais imediata expressão que o domínio da língua toma quando pretende ter uma aplicação prática e uma intenção particular. A sua base, aqui em clara divergência com a tradição escolástica, não é a habilidade do *engenho* mas a faculdade de avaliar e separar que Verney chama o *juízo*.

O engenho, que constituía a base da Retórica anterior, não é negado mas reavaliado cautelosamente em função dos processos de elaboração do discurso.